

ANTÍGONA NA SALA DE AULA: ENTRE O TEXTO DRAMÁTICO E O TEATRO, UMA LEITURA PRAZEROSA

Leonardo Batista Montenegro (1); Kelly Sheila Inocencio C. Aires (2)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. leonardobm21@hotmail.com,
kellysheilacosta@yahoo.com.

Resumo: A Literatura, ainda, não tem um espaço definido em alguns documentos oficiais, como os PCNEM, que regem o Ensino de Literatura e, conseqüentemente, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, de forma que, muitas vezes, é destinada apenas uma aula semanal para ela. Se a narrativa e a poesia encontram dificuldades para entrarem na escola, o texto dramático quase não chega lá. Quando ele entra na sala de aula, muitas vezes, não é visto como um objeto literário, de forma que deve ser encenado mesmo nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Neste trabalho, distinguiremos o Gênero Dramático do Teatro com o objetivo de mostrar que uma peça pode ser um texto literário e que pode ser lida sem, obrigatoriamente, ser encenada. Depois, abordaremos o gênero Tragédia e as suas especificidades. Por fim, apresentaremos uma seqüência didática para o professor trabalhar a tragédia **Antígona**, de Sófocles, com alunos do 2º ano do Ensino Médio, por meio de atividades lúdicas que promovam o gosto e o prazer da leitura. Escolhemos **Antígona** por ser uma tragédia clássica que tem como protagonista uma mulher no intuito de discutirmos temas, como a condição da mulher no passado e na contemporaneidade, o papel feminino em sociedades diversas e em tempos diferentes, entre outras temáticas que despertem o interesse e a criticidade dos alunos. Para isso, recorreremos aos estudos de Patrice Pavis (2003), Junito Brandão (1994), Cristina Mello (1998), entre outros, para fundamentar as nossas reflexões. Dessa forma, pretendemos refletir sobre o lugar do texto dramático nas aulas de Literatura e apontar algumas setas para que ele, também, seja lido na escola como os outros textos literários, respeitando, evidentemente, as suas especificidades.

Palavras-chave: texto Dramático, teatro, seqüência Didática.

INTRODUÇÃO

A Literatura, ainda, não tem um espaço definido em alguns documentos oficiais, como os PCNEM, que regem o Ensino de Literatura e, conseqüentemente, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, de forma que, muitas vezes, é destinada apenas uma aula semanal para ela. Se a narrativa e a poesia encontram dificuldades para entrarem na escola, o texto dramático quase não

chega lá. Quando ele entra na sala de aula, muitas vezes, não é visto como um objeto literário, de forma que deve ser encenado mesmo nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

Escolhemos **Antígona** por ser uma tragédia clássica que tem como protagonista uma mulher no intuito de discutirmos temas, como a condição da mulher no passado e na contemporaneidade, o papel feminino em sociedades diversas e em tempos diferentes, entre outras temáticas que despertem o interesse e a criticidade dos alunos.

O teatro vem sendo disseminado entre os povos da Grécia durante séculos, apresentando histórias que influenciaram grandes pensadores e ainda hoje causando grandes impactos nas várias áreas do conhecimento, o teatro teve início durante os séculos V e IV a.C. trazendo consigo o aprimoramento de aspectos artísticos e a manifestação religiosa grega, tempos depois afeta as diversas correntes jurídicas e a psicologia. Através dos dramas criados por diversos autores para serem encenados nos grandes teatros da Grécia, foi possível que outras correntes ideológicas fossem sendo criadas e desenvolvidas, causando assim um impacto positivo na formação do ser humano.

Essa pesquisa é de natureza analítico-bibliográfica, por se tratar da análise da obra **Antígona**, de Sófocles, sobre a perspectiva do método recepcional. Para tanto, empregamos como suporte teórico, os pensamentos dos teóricos Patrice Pavis (2003), Junito Brandão (1994), Cristina Mello (1998), entre outros.

Neste trabalho, distinguiremos o Gênero Dramático do Teatro com o objetivo de mostrar que uma peça pode ser um texto literário e que pode ser lida sem, obrigatoriamente, ser encenada. Depois, abordaremos o gênero Tragédia e as suas especificidades. Por fim, apresentaremos uma sequência didática para o professor trabalhar a tragédia **Antígona**, de Sófocles, com alunos do 2º ano do Ensino Médio, por meio de atividades lúdicas que promovam o gosto e o prazer da leitura.

1. A ORIGEM DO TEATRO GREGO

O teatro grego surgiu, provavelmente, por volta do século V a.c. ao século IV a.c com a intenção de celebrar os prazeres da vida e aos deuses. Esse teatro foi conseguindo relevância e destaque por meio de características bem definidas, como: uso de figurino e de máscaras, as quais, além de fazer o ator se sentir à vontade para encenar, permitia que ele incorporasse o personagem.

As máscaras possuíam representações de feições alegres, tristes, aspectos de horror, dentre outros detalhes que foram sendo melhorados conforme as apresentações.

O teatro era a forma de divulgar as crenças gregas e as apresentações eram fundamentais para atingir esse objetivo, pois conseguiam atrair um público grande. Em Atenas, haveria durante as festas dionisíacas lugares para aproximadamente 14.000 pessoas. Segundo Brandão (1980), o lugar possuía forma arredondada pelo fato de ser ao ar livre e ter como teto o céu. As pessoas iam se juntando e ficando em forma de círculo para assistir às apresentações. No meio dos grandes teatros, eram levantadas estátuas em homenagem a Dionísio. Ele é considerado o deus grego do vinho que simboliza a alegria, representado em algumas pinturas como uma criança tomando vinho, por isso ele traz consigo um olhar caótico, perigoso e inesperado. As festas dionisíacas eram comemoradas em um dos principais centros do sudeste da Europa, em Atenas, capital da Grécia.

A presença do coro era essencial às apresentações teatrais para dar destaque às cenas mais relevantes do drama. Houve algumas mudanças na estrutura dele em relação à variação da quantidade de pessoas. Todos utilizavam máscaras para assumirem uma nova identidade, sempre falavam em uníssono, repetiam o mesmo texto e as mesmas expressões, como se fossem um único corpo. Existia no Teatro Grego duas portas de entrada para o coro. Nas palavras de Brandão,

(e)ntre o théatron e a skené abrem-se paralelamente de cada lado passagens para os espectadores atingirem as arquibancadas. Além do párodoi, que são as entradas principais, há as secundárias em quase todos os teatros, no topo do théatron e nas extremidades, das diadzómata (BRANDÃO, 1980, p. 105).

Todo o teatro era muito bem estruturado para receber grandes números de pessoas, com várias entradas e os personagens podiam trocar de figurino quando preciso e também mudar de máscaras para representar um novo estado emocional do personagem, para isto, os atores possuíam um espaço conhecido como Skené, que era uma barraca feita especialmente para essa troca de figurinos, e, também, servia para para que fosse realizado as cenas que possuíam carates de horror, como torturas e assassinatos.

Com o passar do tempo foram havendo grandes alterações no espaço físico do teatro, para que fosse possível tornar o teatro cada vez mais realístico, transmitindo a mensagem desejada com mais intensidade, contudo, o teatro grego representou mesmo com todas as alterações realizadas, muito bem a tragédia e a dramaturgia de um modo geral.

2. O QUE É TRAGÉDIA E O LUGAR DE ANTÍGONA NA TRAGÉDIA CLÁSSICA

Buscar entender as tragédias gregas é ir além da razão. É olhar para as tragédias dentro de sua produção cronológica, tendo que levar em conta que o primeiro drama trágico provavelmente foi feito em homenagem ao deus Dionísio, para assim podermos prosseguir entendendo a tragédia e o lugar de Antígona na tragédia clássica.

Segundo Aristóteles (2008, p. 39), “a tragédia se distingue da comédia neste aspecto: esta quer representar os homens inferiores, aquela superiores aos da realidade”. Todavia, o poder que essas encenações possuíam sobre as pessoas e a relação que Aristóteles faz entre tragédia e comédia nos revela que a Tragédia buscava apresentar o homem a partir de um ponto de vista de inferioridade, esta inferioridade está relacionanda à submissão do homem aos deuses gregos, nesse caso, uma submissão ao deus Dionísio.

Um dos grandes autores das tragédias gregas era Sófocles, que escreveu a trilogia tebana, que é constituída de **Édipo Rei**, **Édipo em Colono** e **Antígona**. Segundo o psicanalista Dr. Mário Fleig (2014), na trilogia, há uma distribuição de função, uma forma distinta entre as peças no sistema das trilogias, sendo que as três precisavam necessariamente serem apresentadas no mesmo dia. Para a primeira peça, **Édipo Rei**, fica a missão de apresentar o problema; a segunda também apresenta um problema, que é o caso de Édipo em Colono; e a terceira mostra um desfecho, uma forma de saída do problema que sempre é de difícil solução.

Os cenários das peças mudavam conforme os dramas a serem apresentados. Segundo Brandão (1980), existiam quatro tipos de cenários: o templo, o palácio, a tenda de um chefe e paisagem rústica ou marinha. A peça de Sófocles, **Antígona**, era ambientada em um palácio e, por não existir um espaço propriamente dito com as características de um palácio, o templo era ornamentado para parecer como um, por meio de corrediças que se movia entre duas peças, e dividido da seguinte forma: “ao centro, a residência real; dos lados o gineceu e o aposento dos hóspedes” (BRANDÃO, 1980, p. 109)

Na Grécia, o Teatro Grego era composto somente por homens. Os próprios homens interpretavam as cenas que possuíam personagens femininas. As mulheres na literatura e no teatro não tinham espaço, sendo considerado vergonhoso para elas tomar seguirem essas carreiras. A mulher devia se dedicar às tarefas domésticas, a pintura e ao tricô. As únicas mulheres que

poderiam se dedicar à escrita eram aquelas de uma elevada classe social, mas ainda assim eram vistas de forma preconceituosa pelos homens.

As mulheres de baixa classe social estavam sujeitas ao lar e à família e eram castradas dos seus anseios e desejos, tendo que se esconderem atrás de pseudônimos, se assim preferissem tomar a vida de escritoras, Virgínia Woolf (1928). Na peça **Antígona**, encontramos a relação da mulher que se encontra sujeita e que está prestes a se libertar, quando um determinado acontecimento a desperta para uma epifania.

3. ANTÍGONA NA SALA DE AULA

A leitura de textos dramáticos deve ser realizada de maneira diferente de outros gêneros literários, pois é necessário considerar as suas especificidades, como as rubricas que apresentam os detalhes do cenário, sons, e retrata o que se passa em volta da cena, para se ter uma ideia da personagem em ação.

A tragédia **Antígona** é um texto literário que pode ser trabalhado em sala de aula, porém, faz-se necessário primeiramente apresentar aos alunos a experiência de leitura do professor para despertar a curiosidade deles para quererem lê-la.

Também, é preciso mostrar aos alunos que o texto dramático é um texto literário que pode ser, simplesmente, lido sem a obrigação de ser encenado. Assim, eles poderão conhecer esse gênero como objeto literário e explorá-lo de uma forma nova.

3.1 Distinção entre teatro e dramaturgia

O drama, que é a imitação de homens em ação, concretiza-se na ação ou no sistema de causa e efeito, em que os acontecimentos estão diretamente ligados um ao outro. Nesse processo, o problema tende a piorar cada vez mais, gerando assim um efeito dominó, que tende a se fazer presente durante todo o drama até o seu desfecho final. AIRES. Kelly et al (2012).

Aristóteles relaciona algumas obras, como as de Sófocles e as de Homero e as analisa como imitações, segundo Aristóteles:

Sófocles seria um imitador igual a Homero, uma vez que os dois representam homens virtuosos, e igual a Aristófanes, porque ambos imitam pessoas em movimento, em actuação. Dai Resulta que alguns dizem que as suas obras se chamam *dramas* por imitarem os homens em acção (ARISTÓTELES, 2008, p. 40).

Ele afirma que ambas apresentam o lado virtuoso do homem. Essa é a justificativa que Aristóteles nos apresenta para afirmar que a imitação pode se dá de diferentes formas, não somente mostrando as virtudes, mas também, apresentando os homens como realmente são ou melhores do que eles são.

O teatro se refere à encenação, ele diz respeito a representação de uma determinada obra, as obras a serem encenadas podem ser representadas no teatro de formas distintas, cada uma com sua devida característica e especificidade, podendo assim, variar entre os gêneros comédia, tragédia, farsa e etc.

A dramaturgia diz respeito ao texto, segundo o dicionário Aurélio, a dramaturgia é a: “Arte de escrever peças de teatro; técnica de composição de peças de teatro.” Onde um indivíduo que possui habilidades para um determinado gênero produz um texto ou realiza a adaptação de um já existente, para que ele possa ser encenado.

3.2 O Método Receptional

Desenvolver no aluno o gosto pela leitura não é uma tarefa fácil, o professor passa por um grande desafio quando o assunto é realizar a leitura de uma determinada obra, existe uma ideologia de que ler é cansativo e entediante, mas tudo isto é causado pela leitura forçada, quando o aluno realiza a leitura de algo que é de seu interesse, ele consegue ficar atento durante toda a leitura, entende-la, que é um dos aspectos também fundamental, e a leitura do texto será realizada em um curto prazo de tempo. Segundo MIQUELETTI (2008):

O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências.

O horizonte de expectativa do aluno é o ponto norteador para que possa ser descoberto o porque existem pessoas que não progridem não leitura ou o porquê nem se quer realizam quando é pedido ou apresentado, o texto precisa fazer sentido para ser um texto de interesse de um indivíduo,

pra que ler um texto se no final do mesmo ele não irá ter acrescentado nada? por isto, o horizonte de expectativa tem muito a dizer.

O método recepcional é uma estratégia que pode devolver aos alunos algo que foi roubado deles - o ler por prazer, a leitura se torna desprazerosa por uma série de fatores que vão desencadeando a revolta e o desinteresse do alunado, por isso, o método recepcional é dividido em cinco etapas visando o universo do aluno como foco principal para escolha dos procedimentos que serão desenvolvidos para trabalhar a obra, e qual obra deverá ser trabalhada.

3.2.1 Determinação do horizonte de expectativas

Nessa etapa, o professor tem um papel fundamental e norteador no processo de ensino-aprendizagem. Ele deve buscar incentivar o aluno a ler o texto que será sugerido, sendo que antes, é necessário buscar descobrir o que os alunos já conhecem sobre a obra que será abordada, seus aspectos, principais escritores e etc. Segundo MIQUELETTI (2008): “Esse procedimento indicará o sucesso a ser alcançado com este método. O professor deve considerar, nesta etapa, os valores prezados pelos alunos, suas preferências e comportamentos.” Para isso, pode ser tomado como ponto de partida, por exemplo, levantar questões sobre o autor da obra, perguntar se os alunos conhecem, já ouviram falar ou conhecem outras obras do mesmo autor.

3.2.2 Atendimento do horizonte de expectativas

Não podemos partir para a leitura da obra sem antes despertarmos a curiosidade no aluno e isto já deve ter sido feito na etapa anterior através dos questionamentos levantados pelo professor em sala de aula. Agora, o professor deve realizar junto com os alunos uma leitura direcionada, durante esta leitura o professor deve ir comentando os detalhes que vão sendo observados durante a leitura e trazendo um olhar específico para os fatos que tem relação com os alunos, tendo como base o que os alunos tinham em mente sobre a obra e que foi comentando anteriormente.

3.2.3 Ruptura do horizonte de expectativas

Nesse processo de ruptura do horizonte de expectativas do aluno, o objetivo não é distanciarlos do que já vinha sendo trabalhado e nem apontar de uma única vez uma mudança geral, porém é preciso o uso de algumas ferramentas para causar uma certa revolta, e envolve-los.

O professor deve levantar questionamentos que irão provocar no aluno uma ruptura, ou seja, o momento em que eles terão que observar a obra a partir de outro ponto de vista que ainda não tinha sido percebido e que pode ser até um certo ponto rude para os alunos, ao ponto de se sentirem prontos para lutar pela causa do personagem da história, é preciso que eles se sintam revoltados com o que acontece na trama, a ponto de defenderem o seu próprio ponto de vista e o de outro.

3.2.4 Questionamento do horizonte de expectativas

Nesse momento, o aluno se encontra livre para fazer as indagações que tiver em mente, analisando a ideia que se tinha do texto no primeiro momento, antes da realização da leitura e de enxergar os pontos que lhe causaram uma ruptura de expectativas, segundo MIQUELETTI (2008), “Ao professor cabe fazer com que os alunos/leitores tenham condições de avaliar eles próprios o seu crescimento [...]”. Este é um momento apropriado para que o professor possa abrir espaço para os questionamentos que deverão ser realizados pelos alunos. O professor pode iniciar lembrando aos novos leitores o que eles falaram durante as etapas, este procedimento poderá ser relevante para o entendimento do texto e o surgimento de perguntas referente a obra em análise.

3.2.5 Ampliação do horizonte de expectativas

No processo de ampliação do horizonte de expectativas, é onde será realizado tanto uma reflexão como também o relacionamento do conhecimento de mundo do aluno com o que foi observado nas etapas anteriores, sendo necessário voltar para as primeiras impressões e do que foi diagnosticado, este é o momento final.

Para que possa haver esta ampliação, o aluno irá relacionar o conhecimento que já possuía com os conhecimentos que foram aprendidos durante todo o processo, sendo que agora é hora de trazer o que foi observado no texto e debatido para o contexto cultura do leitor, fazendo a relação entre o ocorrido na obra e acontecimentos que estão ocorrendo ou ocorreram onde o aluno/leitor vive. Com isto será possível que o aluno fixe o assunto da obra e não ache ela entediante, e passe a observar a leitura não como uma obrigação, mas como parte dele, tendo assim algo a acrescentar relacionado a sua prática cotidiana.

3.3 Sequência didática

Para trabalhar *Antígona* em sala de aula, propomos aqui uma sequência didática para que essa peça seja lida como objeto literário sem a obrigação de encená-la, de forma a promover

a troca de opiniões, o aprender com o outro, seja no trabalho de pares ou de grupo, em aula ou fora dela, sem que, nas diversas formas de trabalho, o professor abdique da sua função de ensinar, cabendo-lhe, pois, um papel de orientador, de organizador das estratégias de ensino-aprendizagem (MELLO, C., 1998, p. 354).

As oficinas foram construídas com base nas etapas do Método Recepcional.

Público Alvo: Alunos do 2º Ano do Ensino Médio

Duração: 8 horas/Aulas

Objetivo geral:

- Ler a tragédia grega *Antígona* sobre a perspectiva do Método Recepcional.

Objetivos específicos:

- Distinguir teatro de dramaturgia;
- Ler e discutir a peça **Antígona** no Ensino Médio como objeto literário e sem a obrigação de encená-la.

1ª Etapa:

Nesse primeiro momento, é sugerido que o professor apresente o título da obra e o seu autor, questionando se os alunos conhecem a peça, o seu autor e/ou outros textos escritos por ele, por exemplo: **Édipo Rei** ou **Édipo em Colono**.

2ª Etapa:

Nesta etapa, o professor deve contar a sua experiência de leitura e lendo alguns trechos dela com a entonação certa, dando vida a cada personagem vida para despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. Depois, estipulará um período de aproximadamente um mês para que os alunos leiam a peça em casa e registre essa experiência em um diário de leitura de forma global ou por partes.

Quando todos os alunos concluírem a leitura, sugerimos que preencham em dupla os quadros de leitura elaborados por Cristina Mello para compreenderem e interpretarem de forma mais sistemática a peça. Segundo o modelo abaixo:

Quadros de leitura elaborados por Cristina Mello:

- Personagem:
- Nome:
- Centralidade:
- Compleição física:
- Características psicológicas:
- Dimensão ideológica e cultural:
- Relação com outras personagens:

3ª Etapa:

Para romper o horizonte de expectativas dos alunos, é necessário que haja um processo de ruptura ou epifania, por isso o professor deve questionar o aluno sobre questões que sejam consideradas polêmicas, como a posição em que a mulher se encontra em Antígona e ainda hoje. Para isso, propomos a leitura do poema “Caso do Vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, para abordar tais temas e comparar as mulheres descritas em cada texto e em cada época na etapa seguinte.

4ª Etapa:

Agora, as cadeiras poderão ser colocadas em forma de círculo e o professor juntamente com os alunos deve levantar questionamentos a respeito da tragédia lida, a partir da partilha dos quadros de leitura e do diário de leitura, que pode ser lido ou não pelo aluno em sala de aula. Como se trata de um texto íntimo, o aluno decide se quer ou não compartilhá-lo com os seus colegas. Após essa discussão inicial da peça, os dois textos poderão ser comparados e discutidos mais profundamente.

5ª Etapa:

Nesse momento, para que haja uma ampliação no horizonte de expectativas dos alunos, sugerimos que a discussão seja relacionada a assuntos atuais, lendo, por exemplo, a seguinte notícia: “Familiares têm dificuldade de retirar vítimas do IML para realizar o sepultamento”, que se encontra no site <http://g1.globo.com/ceara/cetv-1dicao/videos/v/familiares-tem-dificuldade-de-retirar-vitimas-do-impl-para-realizar-o-sepultamento/3718489/>”, debatendo sobre as possíveis relações entre esse texto e Antígona. Por fim, indicaremos a leitura das demais peças da trilogia para que ampliem o seu repertório de leitura e compreendam melhor Antígona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se trabalhar a peça Antígona, de Sófocles, em sala de aula com objetivos bem definidos e com técnicas realmente que funcionam no ensino de literatura, é possível além de desenvolver nos alunos habilidades para a leitura e o desenvolvimento de interesse pela leitura, formando assim alunos/ leitores, uma quebra da concepção de que só é possível trabalhar o texto dramático com o objetivo de encena-lo, isto é quebrado quando usamos a dramaturgia como objeto literário através do método recepcional.

O drama Antígona, permiti que o professor aborde outras obras da mesma tríade, onde o aluno pode realizar uma leitura direcionada com a necessidade de buscar conhecer fatos ocorridos anteriormente. É uma obra que é clássica por ter sobrevivido durante o tempo, e ainda hoje pode ser relacionada com acontecimentos atuais, fazendo sentido para o leitor, é uma obra que nos fornece uma contribuição histórica e contemporânea.

REFERÊNCIAS:

AIRES, Kelly et al. **No palco: o Drama**. Paraíba: IFPB, 2012.

ANJOS, Ana. **A origem da máscara**. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2013/11/a-origem-da-mascara.html. Acessado dia 27 de Mai de 2017.

BRANDAO, Junito de Souza. **O teatro grego: Origem e evolução**. Rio de Janeiro: Tarifa Aduaneira do Brasil, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

REDE GLOBO. **Familiares tem dificuldade de retirar vítimas do IML para realizar sepultamento**. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/cetv-1dicao/videos/v/familiares-tem-dificuldade-de-retirar-vitimas-do-impl-para-realizar-o-sepultamento/3718489/>. Acessado, 25 de Abr de 2017.

CEGUEIRA, Wagner et al. **Grécia**. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/grecia-1.htm>. Acessado, 25 de Mai de 2017.

MELLO, Cristina. **O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários**. Coimbra: Almedina, 1998.

MIQUELETTI, Ana Paula. **Contribuições do Método Receptional Para a Leitura Literária na Escola**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/contribuicoes-do-metodo-receptional-para-a-leitura-literaria-na-escola/4829>. Acessado dia 27 de Abr de 2017.

SÓFOCLES, **Antígona**. Trad. Mario da Gama Kury. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004 (Tradução de Vera Ribeiro).